

**HISTÓRIA E A MEMÓRIA DOS MIGRANTES RURAIS NA FORMAÇÃO DO
BAIRRO PIÇARRA EM TERESINA (1945-1970)**

Ismael Sousa de Jesus
UFPI
ismaelwcici@gmail.com

RESUMO

O artigo pretende analisar a memória dos migrantes rurais e as suas ocupações nos espaços urbanos da cidade de Teresina entre 1945 a 1970. Nesse sentido, fez-se necessário focalizar em um espaço específico, o bairro Piçarra, região marcada por significativas transformações na configuração urbana da cidade e com expressivo número de migrantes rurais. Utilizando a metodologia da História Oral, buscamos entrevistar alguns migrantes rurais evidenciando suas memórias. Destacam-se, ainda, a discussão com a literatura dedicada aos estudos sobre cidade de Teresina, dentre as quais podem ser citadas: a obra de Nascimento (2015), a qual destaca a modernização da cidade na década de 1940, e o olhar literário sobre a cidade de Calvino (1990), Bresciani (2002), Pesavento (1997), Rezende (2004), Rolnik (1995), Mendes (2003), Matos (2002), Mayol (1996), Fontineles e Sousa Neto (2017). Sobre o estudo da memória, destacaram-se os estudos de Le Goff (2003), Halbwachs (2003), Bosi (1994), e Pollack (1992). Mesmo vindo de diferentes lugares do interior do Piauí, esses migrantes rurais na cidade constituíram, por suas práticas cotidianas, um sentimento de pertencimento, de identidade, que se mesclava com a “memória coletiva” da cidade.

Palavras-chave: História. Memória. Migrantes rurais.

INTRODUÇÃO

Ao perscrutarmos no estudo da cidade de Teresina em meados da década 1940, e em décadas posteriores como a de 1950 e a 1960 que reverberam as multiplicidades de olhares sobre o espaço urbano e suas sociabilidades, e diversas releituras de “cidades”. A visualidade da cidade contribui para a construção de um discurso imaginário que se forma sobre a imagem urbana. É “a cidade, produto do homem por excelência, fugindo ao seu controle, espaço agigantado cujas dimensões escapam à compreensão

humana”.(BRESCIANI,2004.p.9). Em relação ao “bairro” na perspectiva de Mayol (1994) se “inscreve na história do sujeito como marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração preira ,o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana”.(MAYOL,1994.p44). Todavia é nesse espaço público “particularizado” que “promove a articulação entre o morador e o mundo citadino ,com ele coexistindo, reconhecendo-se em suas semelhanças e diferenças”.(FONTINELES & SOUSA NETO,2017.p.18). E nesse convívio social onde emergem a noção de “territorialidade identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças e memórias” (MATOS,2002.p.35). O referido artigo tem a proposta de analisar as ocupações dos migrantes no bairro Piçarra na cidade de Teresina percebendo a contribuição dos mesmos na expansão urbana de Teresina e no vertiginoso crescimento demográfico da cidade observado principalmente a partir de 1950. E como estes migrantes contribuíram na reorganização dos espaços urbanos do Bairro Piçarra e da cidade de Teresina,? Como bairro Piçarra era visto a partir dos jornais , e como estas ‘leituras” de cidade reverberavam para uma cosmovisão “marginalizada” das áreas suburbanas? Nesse contexto histórico, torna-se pertinente buscar respostas “emudecidas” desses migrantes nessa “nova casa” que resistem a erosão tempo. Le Goff (2003) endossa a discussão que “ o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história ,relativamente aos quais a memória está ora em retraimento ,ora em transbordamento”.(LE GOFF,2003.p.422)

Objetivando entender a história e a memória de migrantes rurais no processo de ocupação dos espaços urbanos e suas trajetórias nos caminhos e descaminhos da sociedade teresinense é que apresentaremos um breve estudo sobre as contribuições dos migrantes para a constituição da “memória coletiva” do bairro Piçarra.

1. CIDADES POLISSÊMICAS

A obra de Ítalo Calvino¹ *Cidades Invisíveis* mesmo sendo uma obra literária com profundas percepções semióticas sobre as cidades que não enxergamos, mas que reconstruímos símbolos constantemente diante das reflexões advinda de nossas vivências. Calvino adverte que “a cidade não conta seu passado , ela contém como linhas da mão, escrito nos ângulo das ruas, nas grades das janelas, nos corre mãos da escadas ,nas antenas para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”(CALVINO,1990.p.7)

Calvino (1990) descreve uma cidade melancólica extrapolando os fatos possíveis entre o “maior viajante de todos os tempos” (o Marco Polo) e o imperador Kubai Khan este que não tendo o poder de ver com os próprios olhos toda extensão de seus domínios, destaca a figura de Marco Polo ,como a pessoa que lhe contaria as maravilhas de seu império.

As tramas urbanas emergem dos contornos dos espaços sejam eles públicos ou privados, desse modo em cada casa, em cada rua, em cada praça, refletem uma temporalidade impregnada nas diversas percepções de quem manteve laços de convivências intrínsecas com estes lugares. As percepções são adjacências do nosso tempo presente e concebidas virtuosamente através das manipulações semióticas advindas do nosso olhar sobre a cidade.

A concepção expectável do cidadão em relação a cidade demarca um sentimento de pertencimento a uma “cidade”, ou seja, a cidade de seu tempo, carregada de signos e ressignificações reproduzido a partir do seu “lugar de fala”². Nesse sentido , cada cidadão carrega e reproduz “a sua cidade” como marca indelével de seu tempo, contribuindo para a concepção de multiplicidade de olhares sobre a cidade que paira no campo intangível do imaginário dos seus moradores. “Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em

¹ Foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX.

² Expressão bastante recorrente nas discussões acadêmicas. No artigo se refere ao lugar no sentido de espaço ocupado pelo cidadão. No Brasil, o termo foi popularizado nas Ciências Sociais e objeto de discussão pela filósofa Djamila Ribeiro, no seu livro *O que é lugar de fala?*.

RIBEIRO, Djamila .O que é lugar de fala?. Belo Horizonte:Letramento.2017.

melodias e canções que a celebravam ,fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte”.(PESAVENTO,2007,p.11).Cada cidadão condensa substancialmente a sua imagem individualizante da cidade com as múltiplas percepções de outros moradores desse mesmo espaço, que repercute nas formas de falar dessa cidade. Para Resende (2004), “a cidade é síntese de tempos, cada cidade contém todas as cidades “ (REZENDE,p.419).As cidades “visíveis” podem até configurarem como espaços plurais, mas não devem ser as mais tênues, subjetivas e múltiplas delas, ao falarmos das cidades perceptivas aos nossos olhos, recriamos discursos múltiplos sobre os aspectos tácitos “ressignificantes” e somos afetados por essa dimensão intrínseca que ela mesmo se encarrega de projetar no campo polissêmico .

Cidade vislumbrada por seus moradores (cidadãos) na sua devida temporalidade é impelida a um imaginário de um espaço de vivências, experiências humanas, tramas urbanas ,conflitos ,cepções e ensejos os quais permeiam o campo intangível de sua recomposição ucrônica e imaginária do cidadão. As imagens das ruas ,das casas ,das esquinas ,das avenidas são signos e “marcas” emblemáticas de uma temporalidade que cria e recria significações pelo espectro do presente. Ao pesquisar Teresina das décadas 1950 e 1960, reverberam as multiplicidades de olhares sobre o espaço urbano e suas sociabilidades, admitindo que sejamos induzidos a fazermos releituras de “cidades” que são recriadas constantemente por seus cidadãos. Segundo Ronilk (1995), “ cidade é antes de mais nada um imã” precedendo suas implicações atrativas nos labirintos de suas tramas urbanas que permeiam enlaces dos desejos e seduções intrinsecamente expelidas pelas “cidades” de seu tempo.

Em uma Cidade podemos encontrar várias “cidades” reais e outras imaginárias, construída a partir das sociabilidades de seus cidadãos amalgamada pela relação intrínseca dos seus moradores com a cidade que permitem reproduzirem ressignificações múltiplas de cada temporalidade dessa *Urbe*. Devemos compreender que “a cidade não é uma só, em uma cidade nós encontramos várias, todavia “é importante reconhecermos essa multiplicidade”. (REZENDE,2004,p.418). Diante da relação subjetiva do cidadão com a cidade, esta reproduz incessantemente “cidades temporais” no imaginário do cidadão, por exemplo, “cidades” da minha infância,

cidade da minha juventude , da minha velhice, dos “ bons tempos”(como bem recorrente no imaginário popular), as cidades dos mendigos ou dos pobres ,dos migrantes, dos ricos e dos letrados dentre outras.

A cidade é um lugar atrativo para quem ver e magnífico para quem sente, no leque dos ares transeuntes das tramas urbanas. As regiões de “perigos” da cidade ou lugares “negligenciados” pelos poderes constituídos ou “excludentes” ficavam nos subúrbios da cidade ou regiões afastadas do “centro” fora do traçado inicial da cidade. No caso do bairro Piçarra, era constituído em grande parte por ocupações irregulares e algumas áreas de promiscuidade. De acordo com PMT (1994),

a Piçarra era alvo de discriminação, seja pelo morro do Querosene – Zona de prostituição, seja pelas inúmeras casas de palhas, que causaram furor na década de 1950, quando ocorreram vários incêndios criminosos em consequência dos primeiros conflitos fundiários em Teresina, uma cidade até então pacata e provinciana que começava a abrigar as primeiras levas de migrantes do campo” (PMT. 1994 p.124).

No bairro Piçarra, as “ocupações irregulares” demonstravam as contradições de uma cidade sonhada por Antônio Saraiva no seu plano de cidade planejada com suas formas geométricas e retilíneas, mas que o crescimento populacional refletia nas ocupações de “novas” áreas de moradias e “ocupações” para além do centro urbanizado, não só o bairro Piçarra, mas outras áreas suburbanas consubstanciaram uma expansão urbana fora dos traçados iniciais da cidade de Teresina. As casas de “palhas” e as “construções irregulares” se distanciavam de uma Teresina de outrora, “pacata” e provinciana do início do século XX. Nascimento (2015) aponta que “ a cidade, até início da primeira década do século XX, tinha aquele aspecto bem característico das cidades colônias” e “a maioria da população ocupava construções “acanhadas” e miseráveis”(NASCIMENTO,2015,p.127). O fluxo migratório para cidade de Teresina provocava um crescimento populacional vertiginoso a partir dos anos de 1950.

Como aponta Mendes (2003) “em 1950, quase trezentos anos depois de iniciada a ocupação do território, a população do Piauí havia ultrapassado um milhão de pessoas, contando com 1.046. 696 habitantes, conforme o censo daquele ano” (MENDES, 2003 p. 175), segundo Mendes (2003) a população de “Teresina chegou a 90.723 habitantes”, em 1950, nos deparamos com um exorbitante aumento populacional. Todos esses

fatores contribuíram sensivelmente para várias ocupações irregulares e formação de bairros suburbanos na cidade de Teresina

2.MEMÓRIAS “ENTRECRUZADAS” DOS MIGRANTES NO BAIRRO PIÇARRA EM TERESINA.

Mediante entrevistas de famílias e das pessoas que precisaram se deslocar compulsoriamente para as cidades, percebemos que esta decisão ou atitude carregava um significado muito profundo para essas famílias, portanto mesmo as tais tendo uma ligação subjetiva e profunda com o lugar onde residiam, imbricados nos laços de solidariedade estabelecidos na zona rural. Observamos na fala de D. Aldecina Maria Oliveira, de 61 anos que chegara ao bairro no ano de 1958, juntamente com sua família proveniente do interior de Barras, argumenta os motivos principais que levaram seus familiares migrarem para Teresina.

[...] lá no meu interior meu Pai tinha uma propriedade e nos gostava do lugar, mas meu pai e minha mãe acharam um terreno aqui na Piçarra comprou e nos viemos pra cá, mas na verdade as coisas não estavam muito boa no interior [...] quando chegamos aqui tinha muitas casas de palhas e muita gente pobre e o posto de Saúde era lá na casa Paroquial. (OLIVEIRA, 2005).

No relato de D. Aldecina, percebemos fluxo transitório de um universo imaginário onde reproduz lembranças de lugar que impregnava significados no próprio eu para um momento de atitude (compulsório) de mudanças da sua família, e de todas as redes de comunicações significativas que as experiências vivenciadas proporcionaram. A memória “individual” de D. Aldecina precisa “recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si determinados pela sociedade”. (HALBAWCHS. 2003.p.72). Ao evocar reminiscência D. Aldecina recorda que seu pai e sua mãe, mesmo dono de uma propriedade na zona rural, não se refutou em deixar o seu lugar de moradia e buscou soluções que pudessem alterar suas perspectivas de vida advindas das dificuldades apresentadas, como a crise de extrativismo no Piauí na década de 1950 e de 1960. Nesse ponto, essas lembranças coexistem com outras lembranças de outros migrantes que perpassaram por experiências análogas nesse espaço e no tempo

proposto para o estudo. D. Maria Isabel de Sousa, nascida em Palmeirinha (zona rural de Teresina na década de 1950) expõe com franqueza a sua mudança para o bairro Piçarra,

cheguei aqui no bairro em 1954, aqui era um lugar com várias casas de palhas, onde nesse quarteirão tinha um monte de casas de biqueirinha no chão, bem baixa, e nós conseguimos um terreno aqui pois lá onde a gente morava tava muito ruim, a roça já num tava dando muito e viemos pra cá melhorou um pouco mais [...] muitas gente vinha de interior morar aqui comprava um pedacinho de chão e começava a morar por aqui [...] e este terreno era pequenos lotes, muitas pessoas comprava e fazia uma casinha e começava a viver. (SOUSA, 2005.).

Nas palavras de Maria Isabel de Sousa, o qual reconstrói algumas lembranças bastante descritivas com riqueza de detalhes sobre o espaço urbano encontrado ao chegar na Capital. Uma paisagem típica das áreas suburbanas das décadas de 1940 e de 1950, onde Teresina convivia com inúmeras “casas de palhas” ou “palhoças” erguidas em condições de precariedade demarcando o começo das ocupações desses migrantes nesses espaços urbanos. As experiências vivenciadas na zona rural resguardadas na “memória coletiva” desses migrantes que precisaram romper com as relações pessoais e sociais de meio rural para se aventurarem na perspectiva de construção de um modo de viver e sobreviver na cidade

.As consecutivas crises na produção extrativista do Piauí na década 1950 associado a exportação da cera de carnaúba provocaram uma série de descompassos na economia Piauí, atingindo as camadas mais pobres da sociedade piauienses. As famílias que dependiam da “roça” e da atividade do extrativismo vegetal mesmo no seu apogeu, o extrativismo não conseguiu alterar as dicotomias da pobreza no campo “isto porque o caráter dessa atividade não propiciou o surgimento de modificações estruturais [...] ao nível do campo ela se resumia em coleta beneficiamento inicial, em moldes artesanais, de produtos extrativos nativos, sem nenhuma exigência no trato (BACELAR, LIMA, 1990,p.53). Os migrantes entrevistados em sua grande maioria procuram estabelecer conexões sobre o espaço vivenciado e “novo” espaço ocupado por ele na cidade, ressignificando estas lembranças em suas memórias.

A sua relação social e pessoal ao meio rural reverberam significações advindas do grupo social em que eles estavam inseridos, “O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras”

(HALBWACHS p.159). As “imagens espaciais” segundo Halbwachs (2003) desempenham um papel fundamental na memória coletiva do grupo é nesse sentido que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável” (HALBAWACHS p.160) .Na busca por melhores condições de vida na cidade associado as inúmeras dificuldades vivenciadas no meio rural, tais migrantes se encontravam em difícil “decisão” de deixar seus locais de moradias, assim como seus laços afetivos familiares e sociais, para desembarcar numa nova perspectiva de vida oposta daquela em que eles e suas famílias estavam adaptados.

Os grupos sociais mantêm relações intrínsecas com os espaços, neles se inscrevem seus sentimentos, emoções, devaneios, esperanças, rupturas, dicotomias, é nesses espaços seja urbanos ou rurais que demarcam milhares de fragmentos de suas vidas e “os laços que o prendiam ao lugar lhe apareceram com mais nitidez no momento em que se romperiam”. (HALBAWCHS,2003. p.160) Ao deixar para trás dicotomias do meio rural e os laços afetivos do lugar de moradia de outrora, os migrantes buscavam na cidade condições mínimas de sobrevivência, atraídos também pela perspectiva de conseguir emprego, estabilidade financeira, moradia, educação e o sonho de “mudar” de vida na cidade de Teresina dos anos de 1950 o qual experimentava um vertiginoso crescimento demográfico acima das expectativas.

O Sr. Deusdedith Carvalho Silva, militar, aposentado, que migrou para a cidade de Teresina na década de 1940, considerado pela comunidade do Bairro na época da entrevista como um dos mais antigos moradores do bairro Piçarra, evidencia as suas memórias de forma lúcida e cristalizada expressada através das lembranças de trajetória de vida:

eu nasci em Barras, em 10 de agosto de 1937 (...) eu cheguei aqui em Setembro de 1943. Nós fomos morar numa casa, onde hoje é o Higino Cunha, nas alturas da rua Goiás, numa casa de um senhor que nos ofereceu moradia (...) Quando a gente veio para cidade ano geral sempre como aquela história do Luiz Gonzaga. triste partida, era atrás de melhoras, por que lá na região de Barras, por que eu não sou do centro, era de uma localidade chamada “boca da Mata”, e meu pai trabalhava de roça e nós ainda moleque

no mato, e minha mãe era de um grupo chamada quebradeiras de coco, isso na região. Eu creio que 1942. Minha mãe adoeceu, na verdade ela veio para Teresina. Se trata na chamada “casa de Misericórdia, onde é o Hospital Getúlio Vargas, aí ela voltou e quando deu em setembro de 1943 a gente veio. Eu não sei se o motivo foi a melhoria da saúde da minha mãe ou foi procura de melhoras e qualidade de vida, no interior era aquela coisa do índio caça, pesca e roça, e exclusivamente a roça. (...) Quem a gente chegou aqui, profissão nenhuma da capital a gente tinha, então meu pai continuou trabalhando de roça, por que naquela época, as terras era os “montes”, atravessou o rio, era a vontade, tudo lá era mato (...) mamãe adquiriu uma máquina de mão e passou a costurar e minhas irmãs procuravam um “lavado de roupas dos ricos, um irmão era engraxate. E eu trabalhava em olarias “debadando” tijolos como a gente dizia na época, quebrando pedras, fazendo tudo isso só para subsistência mesmo (SILVA, 2019).

Dessa forma, retornamos às ideias de Ecléia Bosi (1994) para falarmos de lembranças dos mais velhos, portanto, é para o “velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades, a obrigação de lembrar e lembrar bem” (BOSI, 1994.p.63). É necessário ponderarmos que todas as entrevistas realizadas para escrita deste artigo foram com pessoas mais velhas do bairro, isso se deve também ao recorte temporal da pesquisa ser um pouco recuado no tempo (1945 - 1970), onde esses migrantes que chegaram para ocuparem o bairro, nesse período recortado, estão no momento da pesquisa na categoria de velhos. Nas palavras proferidas pelo Sr. Deusdedith Carvalho Silva na entrevista corroboram para a compreensão sobre as trajetórias de vida dos migrantes rurais e sua necessidade de deslocamento compulsório do seu lugar de moradia (zona rural) atrás de uma melhoria de sua vida na cidade. Nessa concepção, o vivido (experiências vividas) dentro do campo mnemônico transita com efemeridade no ponto de reelaboração, das reminiscências desse passado, proporcionando uma prática de reconstituição dos fragmentos da memória. No entanto a “memória é seletiva” como pondera Michael Pollack (1992) “nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado” nela ocorre flutuações os quais permitem reevocar algumas reminiscências em detrimento de outras, no entanto, tudo pode estar em um campo de possibilidades de acesso mnemônico no ato de lembrar. Para exemplificar com fidelidade suas palavras Sr. Deusdedith cita a música de Luiz Gonzaga *Triste partida* para evocar suas lembranças e demonstrar por meio das sensibilidades como era a trajetória melancólica dos migrantes e sua partida deixando

seus lugares e tradições familiares para aventurar uma vida em outro lugar, sempre movidos por sonhos, desejos e expectativas de obterem condições melhores de vida na cidade

Sr. Deusdedith, apesar de citar apenas o título da música, ele pretendia demonstrar que sua trajetória de vida se confundia com as letras da música. Por esse motivo buscamos a letra da música “triste partida” de Luiz Gonzaga e disponibilizamos alguns trechos, para sublinhar os sentimentos dos migrantes, não só de Sr. Deusdedith mas de muitos migrantes que precisaram “partir” para cidade em busca de um “sonho” de vida melhor na Cidade.

Triste Partida¹

Setembro passou
Outubro e Novembro
Já tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós,
Meu Deus, meu Deus
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
(...)
Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
não chove mais não"
(...)
E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem
(...)
Em um caminhão
Ele joga a famia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
A seca terrível
Que tudo devora

Lhe bota pra fora
Da terra natá³

A letra da música acima *Triste partida* reverberam as sensibilidades dos migrantes diante da vida fatigante no meio rural externando o saudosismo melancólico da partida e as dicotomias da sua vida no campo. Podemos situar a letra da musica também na trajetória de vida de muitos migrantes rurais no Piauí no caso aqui exposto não somente do Sr. Deusdedith, mas de muitos que tiveram que abandonar seus locais onde moravam na zona rural, para procurarem as cidades e, no caso do exposto, o fluxo migratório para a cidade de Teresina. Algumas palavras bem recorrentes na letra da música e também na entrevista do Sr. Deusdedith ,como “pobre”, “seca”, “medo da peste” e a “fome feroz”, nesse aspecto a pobreza latente na zona rural é um fato insuportável; a seca, advindo das condições climáticas adversas; e o medo da doença (peste) é relatado na fala do Deusdedith em relação a sua mãe que não saberia dizer os reais motivos de seu deslocamento para a cidade, se teria sido a situação degradante da sua família na zona rural ou pelo devido cuidado com a saúde da sua mãe visto que a cidade mantinha serviços de atendimento a saúde com mais regularidade ao contrário da zona rural. A “fome feroz” é outro aspecto indiscutivelmente decisivo no momento da “partida”, sendo nessa situação que as famílias compreendem como momento fulcral para refletir sobre a sua vida laboriosa e suas incertezas provocadas pelo impiedoso dilema da fome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade deixou de ser vista somente como “palco” dos eventos históricos e passou a ser problematizada, advindas das tensões sociais e das preocupações inquietantes das instituições públicas, dos poderes públicos, chefes políticos, urbanistas, médico-sanitaristas, profissionais da saúde, arquitetos e intelectuais frente a complexidade dos problemas urbanos. A cidade passou a ser o objeto de estudo, não só da história mas de várias áreas do conhecimento. A História se articulou com a Geografia que também se conectou a literatura no propósito de aglutinar concepções e

³ A Autoria da letra é de Patativa do Assaré (1909-2002) e foi musicado e gravado por Luiz Gonzaga .

percepções sobre as vicissitudes dos espaços e sua relação com o cidadão. Ao passo que ao escrevermos a história, precisamos de conceitos para pensar o nosso objeto de pesquisa no tempo e no espaço, percebermos como esses conceitos foram criados, e como podemos utilizar essas ferramentas para construirmos nossa narrativa histórica. Os aspectos da “história” e da “memória”, reverberam como dois campos bastante dimensionais nas suas abordagens e profundos nas suas interpretações.

A memória compreende um campo bastante amplo com uma multiplicidade de conceitos e abordagens produzidas por diversos estudiosos à seu tempo, os quais se ocuparam a pensar o papel da “memória” nas sociedades. Ao produzir este artigo optaremos por alguns autores que produziram ou que ainda produzem estudos sobre memória, como de Le Goff (2003), Pollack (1992), Bosi (1994) Halbwachs (2003), e procurando articular a contribuição teórica sobre a História e a Memória dos migrantes na formação do Bairro Piçarra em Teresina. Utilizando a metodologia da história oral, realizamos algumas entrevistas de migrantes que passaram a ocupar o bairro nos meados da década de 1940 até a década de 1960. Nessas entrevistas, observamos nas descrições de suas falas as sensibilidades tácitas de suas memórias que expressam o seu tempo de lembranças e os espaços por esses migrantes ocupados, que estão repletos de ressignificações de um passado, no qual a memória sobrevive através de pequenos fragmentos nos quais afloram dispositivos no momento em que perscrutamos compreender as experiências vivenciadas pelos migrantes rurais e a sua contribuição para formação de uma “memória coletiva” do bairro Piçarra na Cidade de Teresina.

REFERÊNCIAS

BACELAR – Olavo Ivanho, LIMA, Gerson Portela. **Causas e tendências do processo migratório Piauiense**. Teresina. CEPRO, 1990.

BOSI, Ecléia, Tempo de Lembrar, In: _____, **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **A cidade**: objeto de estudo e experiência vivenciada. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)**, Salvador, v. 6, n.2, p. 9-26, 2004.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, Renasce a Esperança**: história e memória de moradores do conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde. Teresina: EDUFPI, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo; Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

MENDES, Felipe. **Economia e Desenvolvimento do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de ; GIARD, Luce ; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano** : 2 morar, cozinhar. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol.27, n.53, jun.2007.

POLLACK, Michel, Memória e identidade social; In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10.1992.

PMT. **Teresina em Bairros**. Teresina, 1994.

REZENDE, Antônio Paulo. História Literatura e Cidade. In: PINHEIRO, Aurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (orgs.). **Cidade, História e Memória**. Teresina: EDUFPI, 2004.

RONILK, Raquel. **O que é Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Site

<<https://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/1072884/>>. Acesso em 26/ junho de 2019.

Entrevistas:

OLIVEIRA, Aldecina Maria Oliveira . **Entrevista concedida ao Ismael Sousa de Jesus**. Teresina, 04 Dez .2005.

SOUSA, Maria Isabel de ,**Entrevista concedida ao Ismael Sousa de Jesus**. Teresina, 04 Dez .2005.

SILVA, Deusdedith Carvalho. **Entrevista concedida ao Ismael Sousa de Jesus**. Teresina,28 Abr.2019.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

